

Restauro e reabilitação

O que temos feito, o que fazemos, e o que nos falta fazer

O Simpósio Internacional organizado pelo GECORPA e do qual se dá conta neste número da **Pedra & Cal** inscreve-se num conjunto de iniciativas, propostas, realizações, estudos e práticas que começam a colocar o país em condições de responder positivamente aos desafios que, cada vez com mais premência, se impõem entre nós no domínio do restauro e sobretudo da reabilitação e requalificação do parque edificado.

Falou-se no último número da revista, por exemplo, da extraordinária quantidade e qualidade de conhecimentos que foi patenteada no 3.º ENCORE, promovido este ano pelo LNEC; havia-se referido antes a importância, pelo seu carácter pioneiro e integrado, do estudo publicado pelo arquitecto João Guilherme Appleton relativo à consolidação/reabilitação/modernização dos prédios das Avenidas Novas, em Lisboa, selvaticamente destruídos nas últimas décadas, mas agora, finalmente alvo de classificação; referiram-se ainda, anteriormente, as preciosas experiências e massa crítica sedimentadas, tanto pela DGEMN como pelo Ippar, e de tempos-a-tempos ameaçadas por propostas de fusões ou de transferências de competências que felizmente não lograram ter êxito. Também, em artigo inserto nesta página, se chamou a atenção para as dificuldades que se colocam na reconversão de edifícios antigos às novas necessidades, obrigando à introdução de artefactos e insta-



A reabilitação da construção com a resposta a novas necessidades obriga a um trabalho delicado tanto ao nível do projecto como da execução.

lações técnicas, para o que se requer muito engenho e arte e de que se podem apontar como exemplos de sucesso, certamente entre outros, os edifícios da Universidade da Beira Interior, de Costa Cabral, e a Cadeia da Relação do Porto, de Souto de Moura. Ainda a propósito, há que saudar a criação, na Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, do Mestrado em Metodologias de Intervenção no Património Arquitectónico, apoiado por um corpo docente a que o nível desta Escola nos habituou.

Tudo isto constitui um conjunto de ferramentas inestimáveis para que as anunciadas políticas públicas privilegiando a reabilitação do edificado em alternativa à construção nova possam ser concretizadas correctamente. De facto, o repovoamento das Baixas (também já aqui largamente comentado), proclamado sobretudo pelos municípios de Lisboa, Porto e Coimbra, vai exigir processos integrados de intervenção, articulando medidas de

política, programas de necessidades, diagnóstico das patologias, inventário das carências, empreendedorismo empresarial, planeamento da execução, engenharia financeira, incorporação de novos equipamentos, etc., com competências específicas ao nível do projecto e da construção. E, para tudo isto, há que tirar partido do que de bom tem sido adquirido para o muito que ainda há para estudar, aprofundar, debater, divulgar e sobretudo formar.

Efectivamente, se ao nível do restauro dispomos já de empresas especializadas e de equipas de intervenção que conquistaram ao longo dos últimos anos uma experiência consolidada, quando se trata da reabilitação e reconversão de tecidos urbanos na escala que agora se requer, as carências de formação específica ao nível da elaboração dos projectos, da direcção dos trabalhos e de mão-de-obra qualificada para a execução são evidentes. É para esta etapa que se torna necessário e urgente avançar em diversas direcções, através de múltiplas iniciativas, para que os “erros e defeitos” que servem de oportuno tema a este número da revista não venham a verificar-se com uma indesejável frequência. Nada melhor do que apontar em comum olhares críticos e múltiplos sobre o que está feito para se encontrarem os melhores caminhos a percorrer.

NUNO TEOTÓNIO PEREIRA,
Arquitecto.